

VINICIUS

**CRIACIONISMO  
E  
EVOLUCIONISMO**

1954

Os que rejeitam a reencarnação não admitem tão pouco a encarnação. Adotam o dogma criacionista, pretendendo que Deus vai criando as almas à medida que os corpos são concebidos.

Semelhante doutrina, porém, peca pela base, é insustentável à luz da razão e dos fatos.

Nunca se viu na ordem natural da criação o superior submetido ao inferior, ou o maior sujeito ao menor. No entanto, o critério criacionista nos apresenta essa inversão, considerando a origem do Espírito como uma exigência reclamada pela matéria. Esta, portanto, deixa o plano secundário em que se encontra na Natureza, para ocupar o plano principal. A alma é criada para o corpo, e não o corpo para a alma. A matéria organizada não é mais o instrumento do Espírito, a fôrma corpórea através da qual êle se manifesta no plano físico; o Espírito é que passa a ser o instrumento da matéria de vez que foi criado para ela.

De outra sorte, o vontade soberana de Deus está sujeita à vontade relativa do homem, visto como é este que determina, mediante o instinto de perpetuação da espécie, a criação da alma. Fica, assim, o instinto, que ainda domina o homem, suplantando a razão suprema, atributo da Divindade. Conforme vemos, é um rematado absurdo, além de ser uma impressionante heresia.

Mas, ainda não é tudo. Jesus nos concita a buscarmos em primeiro lugar o conhecimento de Deus através de sua justiça, asseverando que, deste modo, tudo o mais nos será dado por acréscimo, isto é, que os demais problemas da Vida se solucionarão automaticamente.

Cumprе, pois, procurar conhecer Deus mediante a manifestação de sua justiça, porque em tal importa o processo ou o caminho que nos leva a conhecê-lo tal como êle é em realidade. Partindo portanto dessa premissa, o que é que a doutrina criacionista nos apresenta no cenário terreno? Deus criando várias raças — a branca, a preta e a amarela. Estas raças revelam diferenças, sendo, umas superiores, outras inferiores. Por que, pois, essas desigualdades? Por que não as criou tôdas no mesmo nível, dotando-as das mesmas possibilidades e de idêntica capacidade? E, dentro de cada raça e de cada povo, por que Deus cria almas boas, dotadas de sentimentos elevados, com pronunciada tendência virtuosa, e cria almas rebeldes, revoltadas, de maus instintos, cruéis, tendendo para o vício e para o crime? Se essas almas iniciaram sua vida com o nascimento do corpo, quer isso dizer que elas foram criadas tais como se apresentam no meio onde vão exercer suas atividades. E, sendo assim, Deus as fêz boas e

más, justas e iníquas, virtuosas e perversas, do mesmo modo que lhes deu um corpo preto, branco ou amarelo.

No que respeita à parte intelectual verifica-se a mesma anomalia: Deus dota uns Espíritos com inteligência lúcida, aguda, com capacidade de assimilar os conhecimentos mais transcendentés; com perspicácia e acuidade para desvendar e resolver os problemas mais difíceis e complexos, do mesmo passo que a outros distribue um intellecto tardo, obtuso, bronco, incapaz de julgar com acêrto e discernir com justeza as questões mais simples, os casos mais comesinhos. Enfim, Deus cria santos e réprobos, gênios e cretinos. Como admitir semelhante heresia?

Prossigamos, no entanto, em nossas lucubrações em tôrno de tão empolgante assunto.

Em se tratando de uma matéria enfêrma de origem, portadora de acentuada carga luética, de um aleijão ou deformidade congênita, como se concebe que Deus crie uma alma para habitar êsse corpo fadado a uma existência de sofrimentos, dores, vexames e humilhações? Que responsabilidade tem essa alma, que culpa cometeu para lhe tocar por sorte uma indumenária urdida de mazelas, chagas e pústulas? Onde ficam o mérito e o demérito — se uns Espíritos recebem graças e dons enquanto que outros, desditas e torturas? Que mérito tem o gênio e o santo se o fizeram, ao nascer, gênio e santo? Que demérito cabe ao mau e ao enfêrmo se assim o fizeram desde o principio?

Taes perguntas ficam sem resposta de vez que a lógica dos criacionistas é a seguinte: Cada um como Deus o fêz!

A palavra do Mestre, daquele que foi enviado do Alto para guiar e conduzir a Humanidade, firmando este postulado sancionado pela razão e o bom senso — **A cada um será dado segundo as suas obras** — desaparece, anula-se em face do dogma criacionista. Não é, pois, de admirar, que do meio onde prevalece aquêlê conceito, haja desaparecido a noção de responsabilidade, imperando entre todos o materialismo deslavado e cínico. O que é, e que sentido pode ter a responsabilidade, se não são os nossos atos, mas o nosso nascimento que responde pelo que somos? Como nos admirar do confusionismo e da corrupção que lavram no mundo, se nos apresentam a Divindade agindo ao sabor de caprichos incompreensíveis, divorciada dos mais comensuráveis princípios de justiça? Outrossim, como não justificar a incredulidade e a impostura reinantes em nossa sociedade, se nos apresentam uma — imortalidade — que tem começo, que se inicia no nascimento, mas não termina na morte? Quem pode crer sinceramente em semelhante — imortalidade?

Sim, é lógico, é evidente e concludente que a Vida começando no berço terá sua finalidade no túmulo, pois assim nos diz a razão, o raciocínio, a faculdade de observar, deduzir e concluir, que são funções da inteligência.

A crença, pois, na imortalidade, sob o critério criacionista, não tem base, não se firma em terreno sólido, antes é vã e insustentável, portanto, não pode gerar convicção, não pode alimentar uma fé viva, luminosa, coerente e conseqüente.

Como corolário dessa dúvida, dessa natural vacila-

ção sôbre a immortalidade, decorre a irresponsabilidade. Sem a crença inabalavel na immortalidade não há responsabilidade, de vez que no decurso de uma existência efêmera que medeia do nascimento à morte, não se verifica a sanção da justiça, não se confirma a sabedoria da, já citada, sentença: **A cada um será dado segundo as suas obras.**

Enquanto, pois, prevalecer a falsa idéia criacionista, os homens continuarão alheios à noção de responsabilidade.

Nenhum constrangimento experimentarão em dar expansão às suas desmedidas ambições e a todos os impulsos de sua natureza inferior.

E o que diremos dos animais e dos anjos e arcanjos — êsses seres que se encontram nos dois extremos da criação? Porque condenar os animais à vida inferior, à vida rasteira circunscrita eternamente nos limites do instinto? Os seus sofrimentos, que resultados poderão refletir sôbre êles, uma vez que sua inteligência permanecerá cristalizada numa zona delimitada?

E os anjos e arcanjos, essas criaturas bem-aventuradas, libertas das contingências e dos percalços inerentes à Humanidade? Por que conceder-lhes tão acentuado privilégio, colocando-as fóra das lutas da carne e do sangue, acima das paixões e de tôdas as conjunturas da vida humana, tais como as enfermidades, as incertezas, a dor, a pobreza e a morte? Como explicar tão flagrante favoritismo, tão revoltante parcialidade?

Decididamente, para aceitar a doutrina criacionista, circunscrevendo os seres dentro de zonas fechadas, isoladas em ciclos distintos, sem ligações nem interde-

pendência, é preciso fazer tábua rasa do raciocínio, é preciso fechar os olhos às lições da Natureza, às injunções da justiça e a tôdas as indagações da inteligência.

Vejamos, agora, o reverso da medalha, isto é, encaremos o produto majestoso e deslumbrante da criação sob o prisma evolucionista, verificando como Deus e o Universo se revelam em sua excelsitude arrebatadora, onde o autor e a obra se ostentam condignos e reciprocamente se exaltam ao infinito, deslumbrando a inteligência humana.

Começemos alicerçando o postulado da imortalidade na rocha inabalável da eternidade.

Somos imortaes, portanto somos eternos. Não se concebe Deus na inatividade. A criação coexiste, pois, com Ele, de conformidade com as palavras de Jesus: O Pai age sempre, nunca cessa de agir. Somos de ontem e ignoramos, disse o profeta Job no meio dos sofrimentos e das provas a que se achava submetido. Não iniciamos a vida no berço, portanto não a encerraremos no túmulo. O Espírito preexiste ao nascimento, por isso subsiste à morte.

Envergamos uma veste material ao ingressarmos neste plano, e a despimos ao deixá-lo após havermos realizado uma etapa de progresso e de aperfeiçoamento. Passamos pelas escalas inferiores, fomos galgando, degrau por degrau, a escada evolutiva até atingirmos o estado em que nos achamos, de acôrdo com o imperativo do Mestre: Sêde perfeitos como o vosso Pai celestial é perfeito. Os germes das faculdades foram se desenvolvendo em nós mediante o uso e o esforço empregados para vencermos as dificuldades das ambiên-

cias por onde nossa psiquê vem descrevendo a sua imensurável trajetória.

Aprendemos o que sabemos à custa própria, a fim de termos consciência do que somos e do que valemos. Depois de havermos atingido certo grau evolutivo tornamo-nos os arquitetos dos nossos destinos, somos o que merecemos, trazemos conosco o nosso céu ou o nosso inferno, na expressão da sentença evangélica cuja citação é sempre oportuna: A cada um será dado segundo as suas obras. Não há seres votados eternamente à condição subalterna. Não existem zonas isoladas nem criaturas desprotegidas ao lado de outras privilegiadas. Os sóis, os mundos com seus habitantes são interdependentes, influenciando reciprocamente uns sobre os outros. Tudo marcha, evolve, se aperfeiçoa e se espiritualiza numa ascensão constante. A Vida é um movimento contínuo para a frente e para o alto. Sua estabilidade pode ser comparada à do voo, isto é, resulta de atividade ininterrupta. Os animais estão contidos no pensamento divino como todos os demais seres. Daí a observação do Mestre excelso: Vêde as aves do céu; elas não semeiam nem ceifam; não têm celeiros nem despensas, no entanto, vosso Pai celestial as alimenta. A lei do instinto as orienta, dirige e mantém. Da esfera do instinto vai despontando a da razão e do sentimento, e, assim, num encadeamento que une e entrelaça sistemas solares infinitos e humanidades também sem conta, o Universo forma um todo uníssono, palco incomensurável onde a Vida se ostenta sob feitios e modalidades incontáveis, presidida por Deus cuja presença se manifesta mediante a ação de Leis sábias, justas, eternas, imutáveis.



Os anjos e arcanjos são individualidades superiores que lobrigaram os planos elevados onde habitam, graças a porfias e lutas ingentes. Foram o que nós somos, e nós seremos o que eles são. Não constituem castas privilegiadas ou distinguidas. Combateram o bom combate e venceram todos os óbices, conquistando a vida superior, aquela vida já isenta das contingências do nascer e morrer, ou seja, da encarnação e desencarnação. E que eles não foram mais favorecidos do que nós, o Mestre nô-lo ensina naquela passagem em que, contendendo com os saduceus acêrca da immortalidade, disse-lhes: Aquêles que forem julgados dignos da ressurreição dos mortos, não se casam nem se dão em casamento, pois tornaram-se iguais aos anjos, fazendo-se filhos de Deus por serem filhos da ressurreição. Por estas palavras concluímos que os ressurretos, isto é, aquêles que terminaram de vez seu curso de aprendizagem através da matéria corpórea, ingressarão na esfera angelical, tornando-se por sua vez anjos — tais como se denominam os habitantes das regiões celestes. A justiça de Deus, indefectível como é, transparece, acompanhando os sêres em sua arrancada evolutiva, dando a cada um aquilo que de direito lhe pertence.

Dentro da Doutrina Evolucionista não há lugar para vaidades, presunções, ciúmes, invejas e rivalidades. Contemplando, na nossa imaginação, o estupendo cenário universal experimentamos o desejo incontido de dizermos às entidades que se encontram acima de nós, tais como os anjos, arcanjos e deuses, estas palavras:

— Irmãos meus — não vos invejo: admiro-vos. O estado superior em que vos achais, constitue um incentivo para mim! Quero imitar-vos, vou esforçar-me! se-

rei diligente, operoso e perseverante; minha fé no futuro jamais esmorecerá, galgarei um dia a esfera luminosa que habitais, tornando-me, como ora vos vejo! O sentimento que me despertais é de emulação. Ao contemplar-vos, sinto o grande anseio de escalar as alturas subindo a escada de Jacób por onde vos elevastes! Sei que minha sorte vos interessa e que o meu desejo é também o vosso! Ajudai-me!

Considerando, em seguida, o que se passa nos planos inferiores, lobreço raças bastardas, homens selvagens, habitantes das selvas e das cavernas; vejo ainda animais de toda a espécie, de variedades infinitas, do mísero verme que se roja no pó ao pássaro trêfego sulcando os ares; da fera bravia que ruge nas brenhas à mansa ovelhinha balando docemente à porta do aprisco, brota-me do coração o impulso de dirigir-me a esses entes dando-lhes a denominação que, com sabedoria, lhes deu o « Poverelo » de Assis: Meus irmãos inferiores — que vos encontrais abaixo de mim — não vos lamento nem vos desprezo. Já fui o que ora sois. Na criação não há privilégios. Todas as criaturas têm capacidade e ensejos para lutar e vencer, melhorar e progredir. Já foi dito com acêrto, que entre o verme e a estrêla existem pontos de contacto. Nenhum ser está esquecido do Criador. Ele alimenta as aves e faz crescer os lírios e as ervas do campo. Todos fazem parte da estupenda e maravilhosa orquestra da Vida. Em cada átomo do Universo o Supremo Arquitecto inscreveu a legenda: caminha, avança, transforma-te e sobe. O canto do rouxinol é tão necessário no concêrto universal como o pensamento de Newton — disse um grande filósofo.

Por isso, irmãos meus — nada de revoltas, nada de desânimos. Eu me interesso pelo vosso bem, quero ardentemente o vosso progresso, pois sereis um dia o que eu sou na atualidade! Creio no vosso aperfeiçoamento e na vossa marcha ascencional — porque creio no Autor da Vida e confio na sua justiça!



Editora NOVA ERA LTDA.  
Av. Central, 844 — Brooklyn novo  
Caixa Postal, 3152 — São Paulo